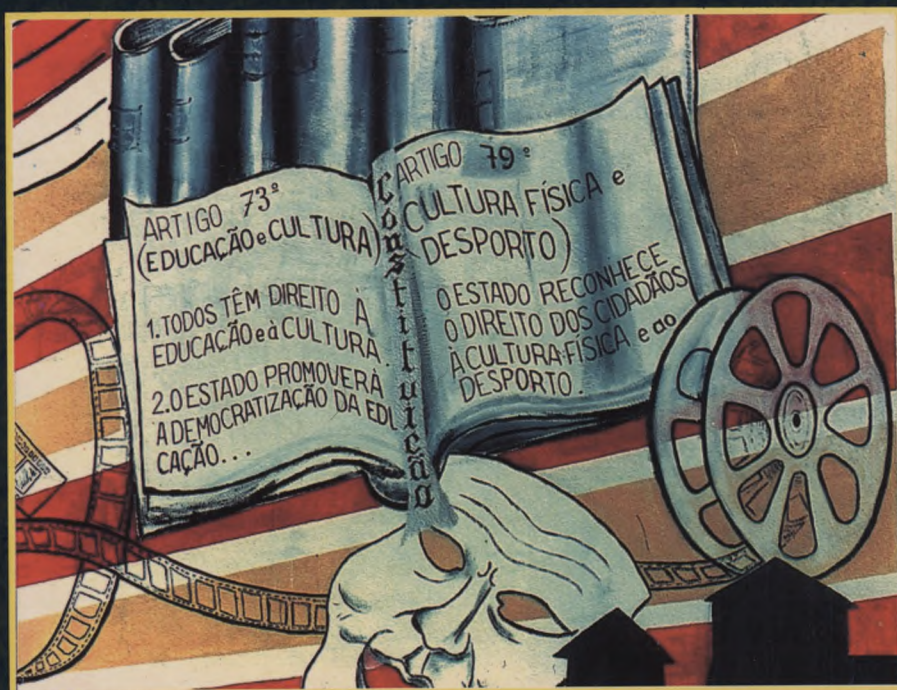


## DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1995

**ARLINDO VICENTE. O PINTOR E A SUA OBRA**1. *Os primeiros passos: do liceu de Aveiro à Universidade de Coimbra*

*"É uma melancolia não me sentir realizado. É uma melancolia que resolvi não sentir mais. A única coisa que eu sempre quis realmente fazer foi pintura."*

Era assim que Arlindo Vicente sentia quando tinha 64 anos. A paixão pela pintura e pela Arte acompanhara toda a sua vida e manifestara-se desde cedo. Começou a pintar por volta dos doze anos, sobretudo com aguarelas. Utilizava esta técnica por ser a mais barata e a mais fácil, segundo ele pensava. Já nesta altura as suas capacidades não passaram despercebidas ao seu professor primário, que o elogiava e o incitava a continuar. Mas foi mais tarde, enquanto aluno do Liceu de Aveiro que o seu gosto e a sua arte amadureceram. Estava no 3º ano do Liceu quando o professor de Desenho lhe atribuiu a classificação de 20 valores pelo seu desenho de uma "Vénus de Milo", em gesso, que servia de modelo, mas que ainda ninguém se atrevera a copiar. A partir daqui, a sua "fama" chegou aos ouvidos do Reitor que se apressou a fazer-lhe uma encomenda — um grande retrato de Vasco da Gama, o patrono do Liceu fundado por José Estêvão. Numa entrevista posterior Arlindo Vicente recorda este episódio que lhe valera o seu primeiro "pagamento" — uns dias de feriado. Foi também para o Reitor

\* Bolseira da J.N.L.C.T.  
y *A Capital*, 1 Julho 1970, p. 9.

e Latinista José Pereira Tavares, que A. Vicente ilustrou um livro escolar com 14 anos.

Eduardo Cerqueira, conhecido jornalista aveirense, seu colega de Liceu e grande amigo, também recorda esses tempos em que "Arlindo Vicente ganhara entre condiscípulos e jovens amigos, e entre os próprios mestres um singular prestígio pelos seus natos predicados artísticos"(2). Cerqueira também refere os tentames do pintor pelos domínios da escultura consubstanciados num busto de Camilo. Mas esta incursão na modelagem escultórica teria ficado por aqui pois "não satisfaz as intuitivas exigências estéticas do autor, que inutilizou a obra com manifesta mágoa minha"(3). De facto, esta parece ter sido a primeira e a única vez que Arlindo Vicente enveredou pelos caminhos de uma Arte que não a do desenho ou a pintura. Foi sempre sobre uma tela, "espaço" de duas dimensões, que o artista sentiu a sua necessidade de criar. O carvão, o lápis, a tinta-da-china, a aguarela e o óleo foram os materiais utilizados para encher este "espaço". Mas nesta fase da sua vida é ainda o desenho que merece lugar de destaque como forma de expressão.

A sua paixão estava definida. A Arte não mais deixaria de estar presente na vida de Arlindo Vicente, mas quisera o destino que a ela não se pudesse dedicar totalmente.

"Quis ir para as Belas-Artes, mas o meu pai não deixou, não transigi com isso. Sabia que era uma carreira para a fome. Matriculou-me em Medicina mas eu fugi no primeiro ano..."(4). Um "pai" no principio do século, dificilmente permitiria que um filho seu fosse pintor. Depois do esforço económico que fizera para que o seu filho pudesse concluir o curso dos Liceus, não podia aprovar que em vez de "Doutor", ele se tornasse "pintor". As condicionantes e restrições de ordem social e económica não davam espaço a que o futuro fosse decidido segundo vocações "perigosas". Este sentimento em relação ao Mundo das Artes perduraria na sociedade portuguesa, como o ilustra Almada quando em 1933 se dirige à plateia que o escuta na S.N.B.A.: "A palavra mais desconsiderada hoje em Portugal é a palavra artista. Desconsiderada, desprestigiada, falida e posta fora de cena e da vida"(5).

(2) *Litoral*, Aveiro, 2 Dez. 1977, 1ª p.

(3) *Idem, ibidem*.

(4) *Diário de Lisboa*, 31 Maio 1970, p. 15.

(5) Almada Negreiros, *Obras Completas*, vol. VI, p. 103.

Vedado o caminho para uma carreira artística, decide enveredar pelo Direito (depois de ter frequentado um ano de medicina). Faz o Curso entre Lisboa e Coimbra, mas o seu casamento com Adélia Marques de Araújo, estudante do último ano de Farmácia em Coimbra, faz com que seja aqui que decida concluí-lo.

É nesta época que organiza o I<sup>o</sup> Salão de Arte dos Estudantes da Universidade de Coimbra (1927). Os nomes presentes nesta sala da Associação Académica são: Alfredo Osório de Souza Pinto, Arlindo Vicente, Carlos Campos Rocha, D. Diogo de Reriz, João Carlos, José Régio, José Santos Figueira, Manoel Serôdio e Paulo Rocha.

As obras apresentadas por Arlindo Vicente, num total de 16, já representam uma escolha que irá marcar toda a sua vida — o retrato. Entre os retratados, na sua maioria professores universitários, destaca-se o nome de João Carlos Celestino Gomes. Este médico, que quando assinava as suas telas, era apenas João Carlos, também participou na exposição; Ao seu lado, também merece destaque a presença de José Régio, aqui na sua faceta de pintor. É provável que a amizade entre Régio e A. Vicente, se tenha iniciado neste ano de 1927, data do nascimento da *Presença*.

António Pedro visitara a exposição, e no dia 2 de Maio de 1927, escreve um artigo na *A Ideia Nacional* onde relata o que por lá se via. Entre os nomes que ali expunham a sua obra, o de Arlindo Vicente não lhe foi indiferente: "[...] o mais novo dos três, e o mais Poeta na pintura, de todos eles, muito macio nas cores que emprega, e o que é raro, sobretudo com vinte anos, conscienciosíssimo nos tipos que reproduz e estilisa e na forma de trabalhar".

Datam também desta época vários trabalhos de ilustração em revistas e livros<sup>(6)</sup>. Destacamos as belas estampas que acompanham o texto de Eduardo Brazão Filho, e onde podemos apreciar a vida das gentes do mar ligadas à dor e à solidão. Servindo-se das potencialidades da tinta da china, o pintor constrói a forma através de linhas estilizadas e firmes. Os corpos alongam-se desproporcionalmente, mas atingem o equilíbrio da sua própria beleza. A paisagem que envolve as figuras, sempre presentes, pertence a um mundo irreal. O mar, as gaivotas e os barcos são despojados de tudo o que está a mais para formarem a linha

(6) Helena Bianchini, *Primavera*, Lisboa, 1928; Eduardo Brazão Filho, *Maria do Mar*, Lisboa, 1928; Ilustra também vários números da revista *Labor*, pertencente ao Liceu José Estêvão e dirigida por José Tavares e Álvaro Sampaio.

da sua essência. Predomina um sentido decorativo à maneira da Arte Nova que faz dos lenços das varinas um lugar privilegiado para o pintor aplicar as suas formas.

## 2. *Arlindo Vicente ilustrador da Presença e retratista dos Presencistas*

A10 de Março de 1927 sai o primeiro número da revista *Presença*, na cidade de Coimbra. Com maior ou menor regularidade, a revista foi saindo durante 13 anos, até Fevereiro de 1940, data em que deixará definitivamente de se publicar. Cobrindo todo este período modernista, a revista reuniu em seu tomo alguns dos nomes mais importantes desta geração. Os directores e editores desta *folha de arte e crítica* foram Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões e José Régio. É este que, no primeiro número, assina o texto programático sob o nome de "Literatura Viva". Estão enunciadas as linhas de força orientadoras da revista que "concedia autonomia ideológica aos seus colaboradores, oriundos das mais antagónicas orientações socio-políticas

A publicação proclamou o primado absoluto da liberdade de criação, a independência da arte e da crítica em relação a qualquer outro poder, e a necessidade de uma expressão autêntica, sincera e original. Já no seu texto programático, Régio refere os "dois vícios que inferiorizam grande parte da nossa literatura contemporânea, roubando-lhe esse carácter de invenção, criação e descoberta que faz grande a arte moderna. São eles: a falta de originalidade e a falta de sinceridade"<sup>(8)</sup>. São estes dois "vícios" que os seus colaboradores vão tentar combater, outorgando à revista um carácter polivalente e multimodo, que pretende alargar os seus horizontes e os dos seus leitores. A diversidade de domínios culturais explorados (arte, cinema, música, filosofia, etc.) enriquece-a e toma-a uma referência fundamental para este período e um marco exemplar para as publicações que lhe são posteriores.

A expressão artística também não esteve ausente: os desenhos de Júlio (irmão de José Régio), Almada, Eloy, Bernardo Marques e Arlindo Vicente, entre outros, ilustram a capa e o interior da publicação

O Depoimento de João Gaspar Simões à *Presença-folha de arte e crítica*, publicação do cinquentenário da fundação da revista, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1977.

(8) *Presença*, Edição facsimilada compacta, tomo I, Lisboa, Contexto, 1993.

de Coimbra. Com efeito, é como ilustrador que encontramos Arlindo Vicente associado a tão importante veículo cultural. É no nº 25, já em 1930, que o pintor inicia a sua colaboração, ilustrando a capa com um desenho de uma mulher nua a amamentar o seu filho. Dedicada a João Gaspar Simões, a imagem é de uma extrema simplicidade e ternura, facultada pelo envolvimento dos corpos de mãe e filho numa suave harmonia. Bem diferente é o tema que ilustra a capa do nº 33. Nela encontramos um tema social, caricaturado de forma quase grotesca. Os contrastes presentes numa sociedade em que a miséria muitas vezes subjugava um povo oprimido e necessitado, é exposto aqui sobre um monumento. Impera uma ironia e um "ridicularizar" que caracterizará muitos dos seus desenhos, e também os de muitos dos seus contemporâneos. Também Júlio criaria um personagem grotesco e execrável, um burguês de feições deformadas e coberto dos mais diversos símbolos de riqueza, que se tornava ainda mais hediondo quando se aproveitava das "mulheres da vida", símbolo da miséria humana e social.

Ao observarmos os desenhos da *Presença*, apercebemo-nos de como quase todos eles estão dedicados a outros colaboradores. As dedicatórias constituíam uma troca de simpatia, amizade e admiração mútua, que evidenciava os estreitos laços afectivos que uniam estes homens. Além de companheiros de trabalho, eram também companheiros de vida, unidos pelos mesmos interesses e paixões numa comunhão de ideias e sentimentos que a todos beneficiava.

A estreita amizade que unia Arlindo Vicente aos "Presencistas", perduraria para além do desaparecimento da revista. Estas ligações ficariam fixadas para sempre nos retratos que o pintor realizou de alguns dos maiores nomes desta geração: José Régio, Vitorino Nemésio, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, Adolfo Rocha (Miguel Torga) e Francisco Bugalho, entre outros. De uma elegância formal muito marcada, própria do Modernismo dos anos 30, estes desenhos procuram captar os seus "objectos" na sua dimensão humana e psicológica. Se nalguns casos o traço é simplificado ao máximo, fazendo com que um mínimo de linhas descreva o retratado (caso do retrato de Adolfo Rocha), noutras a forma ganha volume e plasticidade através do uso das sombras (veja-se os retratos de Gaspar Simões e de Casais Monteiro). Por vezes o tratamento do corpo é remetido para um segundo plano e é na expressão facial que o artista mais se empenha, talvez por ser no olhar que mais se evidencia a "alma" do retratado, aquilo que é próprio de cada um.

Vicente, numa entrevista posterior recorda a altura (no início dos anos 30) em que as obras estiveram expostas "no 1º andar da casa vendedora de móveis 'Amado' da rua França Borges, em Coimbra"<sup>(9)</sup>. Mais tarde, estes retratos serviram para representar os "homens da *Presença*", nos inúmeros livros e revistas que sobre eles se debruçaram.

### 3. A transição para Lisboa

#### 3.1. A exposição dos Independentes. 1930

Eram "independentes" porque "olhavam para as coisas com os olhos que Deus lhes dera", e sem precisar de usar óculos "académicos"<sup>(10)</sup>. Estes artistas modernos independentes como se auto-denominavam, associaram-se episodicamente e levaram às salas da Casa Quintão, no nº 32 da rua Ivens, uma exposição com 312 obras. As artes diversificam-se, alargam os seus domínios para outros campos de criação. Ao lado de pintores, desenhadores, escultores e arquitectos, vemos surgir também fotógrafos, decoradores e cartazistas. O laço que os une é a crença nos valores do modernismo. Estes valores não são novos, mas têm já um passado e uma história que os legitima e sedimenta. A exposição dos Independentes vem consolidar estes valores e dar uma possibilidade aos "novos" que partindo das premissas já enunciadas, as reformulam e inovam.

A exposição que a precedera fora organizada em 1926 por José Pacheco que fora também director da *Contemporanea*. Era o 2º Salão de Outono que já se diferenciava das Exposições oficiais que também ocupavam as salas da Sociedade Nacional de Belas Artes. Com quatro anos de interregno, o panorama cultural português sofria agora um novo embate. Era o momento de se fazer o ponto da situação daquilo que tinham sido os anos 20 ao mesmo tempo que se promovia novos valores.

Um dos mais importantes responsáveis pelo acontecimento era um personagem cuja intervenção teórica era cada vez mais evidente

<sup>(9)</sup> *A Capital*, 1 Jun. 1970, p. 9.

<sup>(10)</sup> Palavras escritas por António Pedro em nome de todos os participantes da exposição, in José Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1974.

— António Pedro. Homem muito activo, sobretudo ao nível da crítica de arte, também se destacará como escritor, poeta, pintor, escultor e encenador, sendo um dos principais mentores do movimento surrealista em Portugal. A amizade que o unia a Arlindo Vicente já provinha dos tempos de Coimbra e agora em Lisboa, com vários projectos em comum, evolui para uma maior proximidade. Partilhavam uma admiração mútua que permanecia alheia a uma escolha de caminhos artísticos completamente distintos. António Pedro foi uma das pessoas mais retratadas pelo pintor, e foi, incluso, padrinho do seu filho mais novo a quem deu o nome.

Ao lado de pintores já consagrados como Almada, Mily Possoz, Barradas, Manta ou Dórdio Gomes, surgiam nomes como Eloy, Lino António, Sarah Afonso, Botelho, Júlio, Tagarro, Vieira da Silva e Arlindo Vicente.

Vicente expôs 16 obras, onde predominam os retratos<sup>1)</sup>. Tinha 24 anos e a crítica já o considerava um dos "novos que são já grandes artistas". Dizia A. Vasconcelos de Carvalho que "Arlindo Vicente e Antonio Duarte" eram "duas revelações, dois poderosos criadores". O crítico ainda afirmou que "O I<sup>o</sup> Salão dos Independentes provou, irrefutavelmente também, que, ao contrário do que se faz crer, os novos sabem desenhar. Dois ou três exemplos apenas: Arlindo Vicente, José Tagarro, Jorge Barradas<sup>12)</sup>". É curiosa esta alusão ao "saber desenhar", pois com certeza que uma das críticas mais frequentes entre os artistas académicos ou um público mais conservador era precisamente a de que os "novos" não satisfaziam as exigências mais elementares das regras da composição visual. Era o "velho preconceito" que o modernismo suscitou ao romper com as barreiras da "perfeição" académica. Como afirma Diogo de Macedo no Catálogo desta Exposição "A inquisição das artes foi a Academia, e as suas fogueiras — que ainda algumas ardem — são os sistemas. Há que substituir os autos-de-fé por actos de fé".

(<sup>n</sup>) As obras apresentadas foram: "auto-retrato"; "retrato de minha mulher"; "retrato do poeta Carlos Queirós"; "retrato do poeta Gil Vaz"; "retrato do poeta Antonio de Navarro"; retrato do poeta "Antonio Pedro"; "retrato de Diogo de Macedo"; "retrato de Narciso Machado Guimarães"; "retrato do exmo. sr. Dr. Fernando Ayres"; "menina"; 6 desenhos sem título.

(<sup>12</sup>) Esta crítica foi encontrada num recorte de jornal, sem referência à data ou ao título do mesmo.



Os comentários dos artistas e escritores modernistas presentes no Catálogo são de urna extrema importancia e ajudam-nos a compreender o que representou este movimento em Portugal. No texto programático da *Presença*, já José Régio proclamara que "Em arte é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística.[...]"<sup>(13 \*)</sup>. No catálogo da exposição da rua Ivens, Gaspar Simões enuncia a mesma ideia: "Um artista é grande quando é ele próprio, e tanto maior quanto mais original, mais pura, mais virgem for a sua personalidade. O que exhibir mais poderosa, natural e sinceramente estas qualidades, será o mais modernista dos artistas". Chamamos a atenção para a palavra "sinceridade", tão frequente nos textos desta geração de intelectuais e artistas. Em 1927, Régio considerara a falta de sinceridade como um dos vícios que inferiorizavam grande parte da literatura sua contemporânea. Sarah Afonso, no seu depoimento do catálogo da Exposição de 1930, também confessava que fazia "por ser coerente e sincera". Alguns anos depois o mesmo conceito encontra-se igualmente num artigo de Arlindo Vicente sobre a Arte Moderna. Referindo-se ao convencionalismo académico dos meados do século XIX, afirma que "O mundo da arte tinha limitado o seu enriquecimento. Tudo era previsto e igual. Aquele mar morto teria necessariamente de ser sacudido. Havia que aniquilar todos os falsos conceitos e substituí-los por um único: o da Sinceridade. Esta, traduzida através da própria sensibilidade e inteligência, permite fazer a justaposição dos elementos formais sem nenhum preconceito, isto é, tão livre e espontaneamente como eles brotam [...]"<sup>(M)</sup>• Era assim que se exprimiam (verbalmente) estes artistas ligados ao 2º movimento modernista, que se desenrolaria durante os anos 30 e 40.

Esta iniciativa repetiu-se em 1931, mas ficou-se por aí. O êxito obtido no ano anterior supunha uma continuidade, mas como o testemunham os jornais da época a afluência do público diminuiria substancialmente e o número de artistas "novos" era muito reduzido<sup>(15)</sup>. Arlindo Vicente também participou, maioritariamente com desenhos (10), e com duas pinturas. Entre os retratados destacam-se Vitorino Nemésio, Adolfo Rocha, Francisco Bugalho, Gaspar Simões e Régio,

<sup>(13)</sup> *Presença*, Edição facsimilada compacta, tomo I, Lisboa, Contexto, 1993.

<sup>(M)</sup> O *Diabo*, 29 Abr. 1939, p. 4.

<sup>(15)</sup> José Augusto França, *ob. cit.*, p. 196.

que já tinham estado expostos em Coimbra e que agora se exibiam aos visitantes da Capital.

Só cinco anos mais tarde é que os principais artistas desta época voltavam a reunir-se, novamente na Casa Quintão. Em homenagem a Amadeo, Santa-Rita, Sá-Carneiro e Pessoa principais arautos do movimento modernista em Portugal, é aberta uma exposição de "Artistas Modernos Independentes". Estes 11 artistas (entre eles, Arlindo Vicente) apresentavam 49 obras, e faziam questão de se diferenciarem do 2º Salão de Arte Moderna, ligado à iniciativa oficial de António Ferro. Apesar das muitas críticas que se fizeram ouvir, provenientes dos círculos mais conservadores, António Pedro considerou-a "a melhor exposição moderna de conjunto que se realizou em Lisboa [...]; a melhor e a mais moderna [...]. Mais moderna porque mais livre e diferenciada entre cada um, e mais homogénea em modernidade no seu todo"<sup>(16)</sup>. Essa modernidade também se manifestava na diferença, e era isso que levava personagens de quadrantes tão distintos à prossecução de um mesmo objectivo.

Os mesmos nomes também tinham estado ligados à U.P., primeira galeria de Arte organizada em Lisboa. Inaugurada em 33, e aberta até 36, este espaço também esteve nas mãos de António Pedro, que além de lhe dar vida, também lhe deu o nome — O Pedro (U.P.). Este, dispôs-se logo a assinar contratos com os seus companheiros para que fosse feita uma exposição anual e ali pusessem as suas obras à consignação. Vicente colaborou com o seu amigo, tal como o fizeram Botelho, Tom, Jorge Barradas, Abel Manta e outros.

Nesta década de 30 e nas décadas que se seguiram, Arlindo Vicente também está representado em inúmeras revistas e jornais como a *Vértice*, *Ler*, *Diário de Lisboa*, *República* e *Primeiro de Janeiro*.

### 3.2. Advogado e pintor nos tempos livres

Durante a década de 30, Arlindo Vicente dedicara-se sobretudo às artes. Finalizado o curso de Direito em 32, arrumara os códigos por tempo indefinido. O direito nunca fora a sua vocação, e não era neste meio que tinha os seus amigos. Preferia as gentes das tertúlias, os cafés onde passava longas horas entre o fumo e as conversas infundáveis. Gaspar Simões recorda-se destes tempos em que Vicente ocultava a

<sup>(16)</sup> *Acção*, 20 Maio 1936, *idem*, *ibidem*, p 196.

sua formação jurídica, como procurando esquecer algo que não o tornava feliz. Quando já casado e com filhos se mudou definitivamente para Lisboa, a sua vida pouco mudou. Os desenhos e as tertúlias continuaram. Remontando aos anos 30, João Patrício descreve o "Café Chiado", onde se reunia a juventude intelectual. "Ali se juntavam os irmãos Tinoco, António Pedro, António Botto, João Villaret, [...] os escultores Antonio Duarte e Martins Barata, [...] e o pintor Arlindo Vicente"<sup>(17)</sup>.

O esforço de Arlindo Vicente em manter a sua actividade artística dificultou-lhe a vida prática que exigia mais estabilidade material do que aquela que um pintor podia fornecer. O exercício da advocacia era encarado como um simples recurso, para este homem que se obstinava em persistir na sua vocação de artista. Mas as dificuldades que a guerra acarretou, fizeram com que, de mero recurso, passasse a ser uma profissão. Vicente recorda estes tempos díficeis: "Até à guerra, também com a ajuda de minha mulher (farmacêutica), fui sobrevivendo — vendia, em grande parte, para a França. Barato, mas vendia-se..."<sup>(18)</sup>. Talvez venha daqui o amor do pintor em relação à França, onde viajava sempre que podia com a sua mulher e com amigos. Em Paris aproveitava o tempo para ir visitar os museus e as exposições temporárias que mostravam as obras dos modernistas que mais admirava — Cézanne, Van Gogh, Renoir e Gauguin e todos os outros. A forte influência da cultura francófona em Portugal era notória, não só no campo das artes, mas em todas as formas de expressão e pensamento e Vicente não lhe foi alheio. Contudo, era em Espanha que o pintor encontrava o período artístico que mais o fascinava — entre o século XVI e o génio de Goya.

Mas Cézanne era o preferido do pintor, e nas suas obras está presente esta admiração. Quando um jornalista lhe pergunta se algum pintor lhe merece particular preferência, Vicente não hesita: "O mais notável dos pintores modernos é, incontestavelmente, Paul Cézanne — o mais do seu tempo e um dos maiores de todos os tempos, [...]. Pode dizer-se que toda a arte moderna está fundamentada na sua obra"<sup>(19)</sup>.

<sup>(17)</sup> *Correio da Manhã*, 28 Out. 1990.

<sup>(18)</sup> *A Capital*, 1 Jun. 1970, p. 9.

<sup>(19)</sup> "A arte moderna vista pelo Dr. Arlindo Vicente", in *A vida Mundial-Ilustrada*, n.º 150,30 Mar. 1994.

Talvez o seu sonho fosse ter uma "Aix-en-Provence", para onde se pudesse retirar. É que, como ele dizia, "as artes plásticas exigem continuidade, 'ofício' e só nesse ofício nos descobrimos. O pintor tem de ter qualquer coisa, talvez mesmo muito, de operário"<sup>(20)</sup>. E foi precisamente esta continuidade que o exercício da advocacia lhe impediu de levar a cabo. Constrangido como está a advogar com afinco, desvincula-se quase por completo da actividade artística. Esta interrupção de muitos anos prejudica consideravelmente a sua atribulada carreira de pintor. Mas mesmo assim, teima em não abandonar os pincéis e o pouco tempo livre que lhe sobra é dedicado à sua paixão. É obrigado a tornar-se, por um longo período de tempo, num "pintor de Domingos", mas não abandona o seu vício dos "cafés". Assim, entre 40 e 60, tem os seus encontros marcados na célebre tertúlia do "Veneza", ao lado do escritor Ferreira de Castro...

Para sua amargura, a vida fez com que o atelier se tornasse um lugar de passagem, com estadias mais longas ou mais curtas, mas sempre transitórias. A vida exigira que tivesse outros "espaços". No seu escritório da Baixa Pombalina trabalhou durante quase trinta anos, interrompidos por algumas incursões pela vida política da Oposição.

Datam de Coimbra as suas preocupações de ordem política que iriam marcar toda a sua vida, por vezes com um rumo inesperado. Quando Arlindo Vicente chega a Coimbra, está Salazar a iniciar a sua vida política. Mas a sua memória, ainda está bem fresca na cidade e a antipatia que o pintor tem para com esta figura irá alargar-se àquele que foi o seu regime. Democrata, defensor dos direitos humanos e das liberdades individuais, desde cedo se opôs a um governo intolerante que não aceitava críticas ou oposições. Começou por "incomodar" o regime com os seus desenhos de temas sociais, que lhe causaram os primeiros confrontos. O choque seria mais grave quando, enquanto advogado, enfrentou, os tribunais plenários na defesa de réus acusados de crimes contra a segurança do Estado. Mas os seus problemas começariam quando em 1958 surge como um dos candidatos à Presidência da República. Viria depois a desistir da sua candidatura a favor do General Humberto Delgado, para não dividir os votos da oposição democrática. Esta entrada na cena política e as suas posições assumidamente democráticas, valeram-lhe a prisão. Fora o castigo para este menino mal comportado que se atrevera a enfrentar a paternalista

(20) *A Capital*, 1 Jun. 1970, p. 9.

figura de Salazar. Mas até aqui, e após os meses mais duros de encarceramento, os pincéis e os óleos estiveram presentes. E deste período datam alguns "Retratos de companheiros de cadeia", talvez como forma de retratar o seu próprio sofrimento na expressão do "outro" e de assim o sublinhar.

Não nos cabe aqui desenvolver o percurso da sua vida como político, mas é necessário tê-lo presente para compreender alguns dos temas mais recorrentes ao longo da sua obra, assim como a sua própria forma de expressão. É que as suas preocupações sociais, a sua forte ligação ao povo, ao ser humano, além de se manifestarem em termos de ideologia política, também dão vida a todas as suas telas.

### 3.3. *A Sociedade Nacional de Belas-Artes*

Enquanto advogado, é escasso o tempo de que dispõe para se dedicar às artes, mas durante todos estes anos, Vicente nunca descurou as suas relações com esta instituição cultural. A história da Sociedade Nacional de Belas-Artes estará associada ao seu nome, na medida em que foi neste espaço que a sua obra mais se deu a conhecer.

No dia 3 de Julho de 1946, é aberta ao público a I Exposição Geral das Artes Plásticas. Numa iniciativa que perdurará durante 10 anos (demonstrando que era possível dar continuidade a um projecto com estas características), exibem-se centenas de obras realizadas por artistas de diferentes gerações. Organizada pelos próprios expositores independente, portanto, de tudo o que não seja um forte empenho em favorecer a arte e o artista, este acontecimento anual soube promover as várias linguagens presentes nas artes plásticas. Cada ano as exposições eram enriquecidas com novos valores que contribuíam para a progressiva renovação do panorama artístico nacional. Alguns dos nomes presentes são: Abel Manta, Júlio Pomar, Lima de Freitas, Mário Dionísio, Nikias Skapinakis, Querubim Lapa, Lagoa Henriques, Maria Keil, etc.

Arquitectura, fotografia, artes decorativas, gravura e pintura eram algumas das expressões plásticas que tinham encontro marcado em Maio de cada ano. E era a este encontro que Arlindo Vicente quase nunca faltava (apenas não esteve presente em 54 e 55)<sup>(21)</sup>. Com dois ou três quadros anuais, vai figurando no evento que passaria a ser um dos seus únicos vínculos com o mundo das artes.

<sup>(21)</sup> José Augusto França, *ob. cit.*, p. 359.

Apesar da sua escassa produção durante esta altura, são perceptíveis algumas mudanças significativas. Progressivamente, a pintura vem substituir o desenho. Paulatinamente o seu traço firme e bem delineado vai-se diluindo na textura do óleo com que (pre)enchia as suas telas. Do carvão e do lápis passa para o óleo, e a matéria, o instrumento, vêm mudar a forma e a plasticidade do objecto. Mas apesar das diferenças desenho/pintura, o retrato estará sempre presente como um laço permanente e duradouro que une todas as formas de criar e toda a criação de formas. Nos olhos de um dos seus companheiros de vida artística ou nos olhos de urna das suas varinas (tema cada vez mais frequente), a busca é a mesma. É a procura do outro. A figura humana é o centro. Tudo o que a rodeia torna-se secundário e dependente de um eixo centrípeto para onde se dirige a pesquisa do artista.

Mas a sua actividade na Sociedade Nacional de Belas-Artes não se limita a expor de vez em quando mas desenvolve-se também pelo carinho que lhe merece a própria instituição, à qual dedicou muitas horas do seu tempo livre. Participa na elaboração dos estatutos da Sociedade, colabora como membro dos júris das exposições que ali se realizam e chega a ser vice-presidente da Assembleia Geral.

Arlindo Vicente esteve ainda associado às muitas vicissitudes políticas por que passou esta instituição entre os anos 40 e 60. Por vezes davam-se rurgas policiais e o encerramento arbitrário das sedes de exposições levam-no a ter que defender a S.N.B.A. junto às autoridades enquanto advogado.

#### 4. *As exposições individuais de 1970 e 1974*

"O que mais me dói é ter gasto tanto tempo numa profissão que tem tão bons cultores que tão bem me teriam suprido. E eu, bem ou mal faria a minha pintura, sem qualquer outro interesse material a não ser a própria pintura. Espero ter chegado o momento de eu renascer para o meu destino, se tiver saúde e alguns anos de vida"<sup>22</sup>). Era assim que Arlindo Vicente se exprimia aquando da sua primeira exposição individual na S.N.B.A.. Finalmente deixara o escritório para ocupar o Atelier. Tinha 64 anos e uma enorme vontade de "cumprir o seu destino".

O<sup>2</sup>) *Diário de Lisboa*, 31 Maio 1970, p. 15.

Ao olharmos para o Catálogo da Exposição de 1970, vemos que predominam os óleos. De facto progressivamente esta técnica ocupa um espaço cada vez maior nas pesquisas do artista. Nas 106 obras expostas, apenas 8 são desenhos e 24 são aguarelas. Nos óleos continua a predominar o retrato, mas surgem agora novos temas que estarão cada vez mais presentes. Como que num regresso às suas origens, às suas raízes, as gentes do povo tomam-se o ponto de partida para a criação. Varinas, pescadores, casamentos de aldeia, maternidade e família são alguns dos temas mais recorrentes nesta amostra. Aos retratos de gente com "nome", junta-se uma galeria de homens e mulheres anónimos, documentos de vidas sem glória e sem história. Um povo ligado ao mar da região de Aveiro, é aquele que o pintor escolhe e aquele que conhece melhor. Entre os retratos identificados também predominam os das pessoas que lhe estão mais próximas — os seus amigos e a sua família.

Apesar de neste certame estarem representadas várias naturezas mortas, o figurativo é a escolha da maioria das obras. Da sua pintura, Vicente afirma "Sou um figurativo cem por cento! E, apesar da evolução que sinto na minha actividade, continuo a ser figurativo"<sup>(23)</sup>. Considera-se um retratista de seres humanos, de sentimentos, de estados de alma e de uma época. Foge a rótulos e a enquadramentos em escolas ou estilos, definindo-se como "uma pessoa moderna, sem quaisquer extremismos estéticos"<sup>(24)</sup>.

No catálogo desta exposição figuram quatro nomes que comentam o conjunto das obras de Arlindo Vicente. O escritor Ferreira de Castro, Antonio Valdemar, Álvaro Perdigão e Assis Esperança insistem na angústia e na esperança como as duas faces simultâneas da sua obra. Nela descobrem um reencontro com o quotidiano onde está expressa a autenticidade e a "sinceridade" do Artista perante a Vida.

Quatro anos depois, dá-se um novo reencontro entre o pintor e o público. No dia 15 de Novembro de 1974, este "auto-didacta", como se designava a si próprio, realiza a sua última exposição. Dois anos de trabalho em 76 quadros, onde a temática se assemelha à da exposição anterior. Sobre ela Ferreira de Castro escreve: "Se a última exposição

<sup>(23)</sup> *Diário de Lisboa*, 31 Maio 1970, p. 15.

<sup>(24)</sup> *República*, 20 Nov. 1974.

O 17 desenhos, 4 aguarelas e 55 óleos.

de Arlindo Vicente o consagrou definitivamente com os louros de grande pintor, parece-nos que nesta, ele ainda supera tudo quanto já fez"<sup>(26)</sup>.

Mais uma vez, a presença de motivos populares, a alusão à vida e à luta dos camponeses, nas telas cheias de cor e de vida. Na rudez da expressão está patente urna certa ingenuidade, fiel aliás ao seu modo de sentir e ver o mundo que o rodeava. A matéria que cria a forma manifesta-se em pinceladas espessas e evidentes ao olho que as observa. As potencialidades do óleo são exploradas de forma a dar plasticidade e volume aos objectos pictóricos. O traço negro emoldura os volumes e limita os seus campos de cor. Vítor Serrão, então já um jovem historiador de Arte e um bom observador, faz "Algumas reflexões sobre a pintura de Arlindo Vicente", no jornal *A República* (27-11-1974), onde realça a fidelidade do artista ao expressionismo figurativo, considerando-o um "pintor expressionista de intervenção social".

Plenas de ternura, as suas figuras são também tristes. As suas expressões denotam, quase sempre, um sofrimento profundo embora tranquilo e sereno. Talvez o pintor encontrasse nestes olhares a sua própria interioridade, formando assim uma síntese entre obra e o criador.

Entretanto, em 1971 Arlindo Vicente encontrara um espaço adequado para a realização da sua obra, no Palácio dos Coruchéus. Adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa, em 1945, junto a este edifício de Alvalade construíram-se 50 Ateliers disponíveis para os artistas plásticos que aqui se quisessem instalar. Anos antes André Malraux inaugurara um espaço semelhante na cidade de Paris. E agora Lisboa seguirá finalmente o exemplo, como forma de estimular a criação e diminuir as carências sentidas pelos Artistas portugueses.

Nesta altura, Arlindo Vicente dá uma série de interessantes entrevistas onde denuncia os problemas que afectam o país em termos culturais e propõe soluções. O homem que aqui encontramos é um homem preocupado com a falta de estímulos e incentivos para todas as formas de arte, que ele próprio sentira ao longo da sua vida. Louva a iniciativa do Palácio dos Coruchéus, mas lamenta que estas realizações apenas beneficiem um número ínfimo de "lisboetas", e que não se façam sentir na maior parte do país. Proveniente da província, está consciente

<sup>(26)</sup> Catálogo da exposição de desenho e pintura de Arlindo Vicente, S.N.B.A.-1974



das dificuldades em implantar uma política cultural fora de uma capital que sempre se caracterizou pela sua macrocefalia. Como solução sugere que "seria vantajoso estabelecer comissões que percorressem o país, evangelizando-o. [...] Evangelização essa que fosse para o estímulo de aquisição e do gosto pelas coisas da arte, na medida em que nos orgulhamos de lutar pela civilização e pela cultura do espírito"<sup>(27)</sup>.

Propõe também, a criação de apoios para que os alunos das Províncias se pudessem deslocar às exposições lisboetas, e a realização de exposições itinerantes de forma a tornar mais acessível a cultura artística. Considera que "as crianças nascidas em meios incultos e pobres reclamam ao país um dever: o de não consentir que lhes sejam destruídas as virtudes da sensibilidade por falta de meios económicos"<sup>(28)</sup>.

Acredita não só no incentivo à produção e aquisição de obras de arte, como também na sua conservação e defesa, como forma de tornar as pessoas mais felizes... É um homem idealista aquele que já velho encontramos a realizar o seu sonho. Mas às vezes o corpo não obedece ao espírito, e três anos depois da sua última exposição, Arlindo Vicente morria vítima de doença em 24 de Novembro de 1977.

Mas a sua pessoa permanecia através da sua obra e da sua arte.

### *Cronologia*

- 1906 —5 de Março. Arlindo Augusto Pires Vicente nasce no Troviscal, Concelho de Oliveira do Bairro, Distrito de Aveiro. Filho de Manuel António dos Santos Vicente e de Amélia da Silva Pires Vicente.
- 1926 — Matricula-se em Medicina na Universidade de Coimbra.
- 1927—Organiza o Iº Salão de Arte dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Nele participam nove estudantes. Arlindo Vicente expõe 16 obras.
- 1929—Casa-se com Adélia Marques de Araújo, licenciada em Farmácia.

<sup>(27)</sup> Entrevista de Fernando Amaral a Arlindo Vicente para a *Época*, 5 de Fevereiro de 1971.

<sup>(28)</sup> *Idem, ibidem*.

- 1930—Colabora na organização do I Salão dos artistas modernos independentes realizada na Casa Quintão em Lisboa. Expõe 16 obras.
- 1931 —2º Salão dos Independentes. Participa com 12 obras.
- 1932 —Licencia-se em direito na Universidade de Coimbra após ter frequentado a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.  
—Iniciou em Anadia a carreira de advogado.
- 1957 —É proposto pela Oposição a candidato a deputado pelo círculo de Lisboa, nas eleições para a Assembleia Nacional.
- 1958 —É designado candidato à Presidência da República, pela Frente Democrática Nacional. Desiste da candidatura a favor de Humberto Delgado.
- 1961 —30 de Setembro. Nas vésperas da campanha eleitoral para as eleições de deputados, Arlindo Vicente é preso.
- 1962 —Indiciado como elemento "perigoso" é acusado, sem provas, de actos subversivos, acaba por ser julgado em Julho depois de dez meses de prisão, e é condenado a 20 meses de prisão correcional e a cinco anos de suspensão de direitos políticos.
- 1970—1 de Junho. Exposição individual na Sociedade Nacional de Belas Artes.
- 1974 —15 de Novembro. Exposição individual na Sociedade Nacional de Belas-Artes.
- 1977 —24 de Novembro. Arlindo Vicente morre em Lisboa com 71 anos.
- 1990 —Outubro. 1ª Exposição individual póstuma no Museu Soares dos Reis, no Porto, promovida pela Ordem dos Advogados por ocasião do seu III congresso.  
—Novembro. 2ª Exposição individual póstuma na Fundação Dionísio Pinheiro em Águeda.



*Arlindo Vicente, jovem pintor, junto de um dos seus quadros (Joaninha, filha de João Gaspar Simões).*



*Retrato de Afonso Duarte.*



*Retrato de Miguel Torga.*



*Retrato de José Régio.*



*Retrato de Abranches Ferrão.*



*Retrato de João Gaspar Simões.*



*Retrato de Antonio Pedro.*



*Ilustração de Arlindo Vicente (1928) para o livro de Eduardo Brazão Filho, Maria do Mar.*

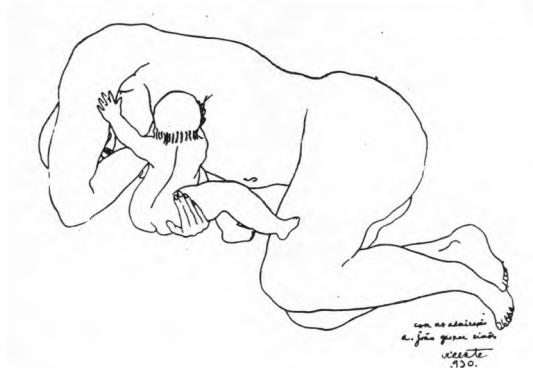


*Desenho de Arlindo Vicente (1930).*

# presença

fôlha de arte e crítica ' 25  
coimbra. ■ fev., março ■ 1930

---



Desenho de Arlindo Vicente (1930). A revista *Vértice* (n.ºs 404-405 de Janeiro e Fevereiro de 1978) utilizou-o também como ilustração.



Arlindo vicente  
(1906 - 1977)

Óleo de Arlindo Vicente.





*Exposição dos artistas modernos independentes — Lisboa, 1936 (nas salas da Casa Quintão, Rua Toerns, 32) da esquerda para a direita: Júlio, Hein Senke, Sarah Afonso, Artilda Vicente, Almada Negreiros, António Pedro e Mário Eloy. (Nãofiguram nesta fotografia Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes que faziam parte do grupo).*